



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente da Mesa da Assembleia da UMAR

As Questões de Género no Século XXI: Parte IV

Nos dias de hoje, sinto a necessidade crescente de fugir às notícias sobre guerras, violência e destruição, e mentiras, malvadez e manipulação, tendência avivada pelas festas populares que este mês de Junho nos oferece, e pelos feriados e planos de férias próprios desta altura do ano.

Assim, em vez de acompanhar o desenrolar de desgraça atrás de desgraça, a maioria perpetrada por homens movidos pela masculinidade tóxica (Se existe? Oi, se existe!), tenho encontrado um certo refúgio na música e na comida.

Os programas dos Canais Mezzo, por exemplo, brindam-nos com orquestras e músicos, muitos deles homens que, em vez de se agredirem e maltratarem, colaboram com as pessoas à sua volta para, em conjunto e consonância, recriarem harmonias e obras musicais que expressam a essência da alma humana.

Noutro registo, mas igualmente expressivo e essencial para a sanidade, o Canal 24Kitchen delicia-nos com experts culinários, muitos deles homens, dedicados à confecção cuidada e criativa de comidas, que partilham as suas experiências e sugestões em sintonia com os sabores do sustento saudável que dão tanto gosto e prazer à vida.

Nada disto apaga a dor de ver imagens de pessoas, crianças, a lutarem por uma migalha de comida, pela própria vida, enquanto os líderes machos se digladiam na arena mundial, nos EUA, Rússia, Médio Oriente, praticando jogos de poder perigosos e odiosos. Porém, atenua o desânimo e confirma a existência de Homens, com H grande, que honram a espécie humana, promovendo o bem-estar das pessoas à sua volta e além.

Ao terminar, recebo notícias da celebração dos 35 anos da APAV e da minha filha Marisa, energizada pelo torneio de futebol do Marítimo Sport Clube, onde homens e mulheres, rapazes e raparigas partilharam um dia de saudável convívio. E para a semana há mais! ■

Infância em Risco: A Luta pelo Direito a Brincar nos tempos atuais

Defender o direito a brincar é valorizar e reconhecer a infância como uma fase única da vida que não deve ser menosprezada.

As experiências da infância têm vindo a mudar, radicalmente, nos últimos tempos. As crianças deixaram de brincar como brincavam ou já não sabem brincar como o faziam. O que antes representava liberdade, imaginação e contacto espontâneo com o mundo, hoje tem sido substituído por telas, rotinas rígidas e espaços cada vez mais limitados para que a criança possa se expressar plenamente.

Esta transformação constitui um verdadeiro risco ao desenvolvimento saudável e integral da criança. Com menos tempo livre e uma exposição constante à tecnologia, muitas delas têm perdido o interesse por brincadeiras que não envolvem dispositivos digitais. Muitos adultos, por sua vez, encaram os

aparelhos eletrónicos como soluções práticas de entretenimento e distração, sem se darem conta das implicações do seu uso excessivo e desregulado.

Reconhecido pela Convenção dos Direitos das Crianças, brincar é um direito essencial, assim como o direito à educação, saúde e proteção. Negar ou negligenciar esse direito compromete, profundamente esta fase inicial do desenvolvimento. Para garantir esse direito de forma efetiva,

é necessário transformar a forma como a sociedade, no geral, encara a infância. Além disso, é urgente implementar políticas públicas que tornem as cidades mais seguras, acolhedoras e estimulantes para as crianças, com espaços de convivência, áreas verdes, atividades culturais e oportunidades para o brincar livre.

Defender o direito a brincar é reconhecer e valorizar a infância como uma fase única e essencial

da vida, que não deve ser ignorada ou menosprezada. Brincar é uma vivência simbólica, emocional e cognitiva, que permite à criança compreender o mundo, construir a sua identidade e desenvolver vínculos com os outros. Garantir esse direito é uma responsabilidade coletiva. A criança quando brinca não está apenas a divertir-se. Está, na verdade, a construir o mundo. ■

NÁDIA AGUIAR
Educadora de Infância



Janela para o Futuro

Victor Rui Soares
Professor e Escritor

Sobre o Belo e o Bonito, e os Concursos de Boniteza

Segundo os dicionários, beleza é a qualidade do que é belo, sendo o belo um conjunto de qualidades que desperta um sentimento elevado de prazer e admiração. O belo distingue-se do bonito pela virtude que tem de agradar ao espírito. O bonito é um valor relativo: agrada à vista, isto é, apenas enche os olhos. Enquanto o belo é perene, o bonito é efêmero. Nesta ordem de ideias, eu diria que o

quadro “O Nascimento de Vénus” de Boticelli é belo, e que a Julia Roberts é bonita... Vem isto a propósito dos concursos de misses, incorretamente denominados concursos de beleza. Ora, tal como o algodão a semântica não engana: a beleza é algo que eleva, não é suscetível de se manifestar em termos de competição, porque a competição rebaixa, nivelando os valores do que é belo. Por isso, julgo que a definição apropriada ao

campeonato da mulher tornada objeto não é o concurso de beleza, mas concurso de boniteza, expressão mais consentânea com a maior ou menor possibilidade que os corpos exibidos têm de satisfazer o olho que neles apostou. Com fato de banho e com vestido de gala, o que interessa aos promotores é o espetáculo da valorização da beleza (digo boniteza), e só em segundo plano o intelecto das candidatas. Até quando a objetificação da mulher? ■